

# A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHÓLICO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar  
GUIMARÃES

Director e proprietario — Antonio Luis da Silva Dantas

Editor—João P. d'Oliveira Bastos

ADMINISTRAÇÃO

Offelinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense  
Rua de Payo Galvão

## Não comprehendo

Govêrno e câmaras ou comissões municipaes não des-cansam, enquanto não destruírem todos aquelles vestígios que mais proximamente façam lembrar a decaída realza. A nomenclatura de ruas, de serviços públicos, de vasos de guerra, tem soffrido numerosas substituições no sentido de apagar todas as designações, em que entrem estas agora fatídicas palavras—*rei, rainha, régio, real*.

Estabelecido o regime republicano, elle não pode produzir os seus maravilhosos effectos, enquanto nas quinas das ruas, na tabuleta de casas, no casco de navios se conservar algum nome que de perto se refira ao domínio da realza.

E estas subrogações que, no pensar dos entendidos, sam necessárias—do contrário as novas instituições ficariam logo de principio enquiçadas e tolhidas—têm feito suar o tope a ministros e vereadores, porque algumas sam difficeis de se levarem a effecto.

Mas, enquanto se não realizar este saudável serviço de republicanação das chamaduras realengas, o novo regime não está livre de apanhar algum mau olhar.

Por isso é que ministros e vereadores, antes que applicuem as suas respeitaveis attentões á questão financeira, têm gastado as suas prolongadas vigílias no estudo da questão mais vital da mutação da nomenclatura.

Não lhes queiramos mal por isso. Cada qual veste-se a seu gosto. A monarchia vestiu-se como monarchia, a república ha de vestir-se como república. E' dictado velho, que o hábito não faz o monge, mas que pelo hábito se conhece o monge.

Deixemos os republicanos fazerem os seus gostos. Chegou a sua hora. Pouco importa que o commercio soffra alguns prejuizos por equívocos resultantes da mudança dos nomes das ruas, ou que os curiosos quebrem a cabeça com o trabalho memorativo destes históricos quotilíquês.

Só uma coisa me faz mossa e nella reparo no meio desta fúria iconoclasta dos symbolos e designações de realza: é que um dos primeiros actos da nascente república fosse revigorizar os decretos mais odiosos, mais tyrannos e menos justificaveis da monarchia caída, decretos que aliás já

tinham produzido o seu effecto e já ha muito tempo estavam esquecidos. Realmente não posso comprehender como por um lado haja tanto horror aos usos e costumes do passado e por outro não haja escrúpulos de evocar dos tempos idos as medidas mais abominaveis.

Pregam a fraternidade os implantadores do novo systema governativo, e no entanto vam perseguindo cruelmente cidadãos pacíficos e innocentes, a quem não sam capazes de provar o mais pequeno crime.

Isto será fraternidade, se quiserem; mas nunca será a verdadeira, a genuína, a pura fraternidade que leva os homens á tolerância, á benevolência, ao amor duns para com outros. Será fraternidade, se assim lhes agrada chamar-lhe, mas fraternidade canina, ou, melhor, canina, e não a fraternidade humanitária, que procura envolver todos os homens numa suave e mútua affectividade.

Pelo que se vê que os republicanos não primam pela coherência nem pela rectidão. Primeiro obedecem aos seus caprichos, ás suas paixões, ás suas tinetas, do que aos seus principios, ao seu systema.

A liberdade com que andaram negaceando as turbas, não é uma garantia real, objectiva, commum a todos; pelo contrário, é um privilégio próprio delles e de que dam participação aos seus adversários, quando e como lhes convem.

Ora um regime, quando é servido por homens desta estofa, embora seja de per si muito sympathico, não pode cair no agrado das pessoas honestas, sinceras, imparciaes.

E é por isso que a república, podendo ser recebida com applauso e contentamento de quasi todos os portugueses, vistos os abusos e corrupções da administração monarchica, está comtudo creando más vontades, desestimações e repulsas.

O público em geral não tem a mais leve repugnância ao regime democrático, que, quando não seja melhor que qualquer outro, pelo menos não é peor. Mas com quem elle não pode congraçar-se nem entender-se é com os homens que, dizendo-se democratas, estão viciando e deturpando por ignorância ou perversidade esse systema.

Até agora quem fazia mais mal á monarchia, eram os próprios monarchicos; e agora quem mais tem prejudicado a república, sam os republicanos mais exaltados. Estes com

as suas incoherências, contradicções e tyrannias, já fizeram arrefecer muitos entusiasmados, retrahir muitas vontades benevolentes e irritar muitos adversários sossegados.

Se assim continuarem, acabará por alienar ao novo regime as sympathias que porventura ainda tenha.

P. A.

## A educação sem Deus

### Números eloquentes

Todos os nossos leitores sabem que, em França, Deus foi expulso das escolas officiaes ha já uns poucos de annos. Já vam sendo homens as primeiras gerações dessa educação leiga. Querem os leitores ver uma eloquente amostra dos fructos de semelhante educação?

Nos quadros estatísticos publicados annualmente pelo ministério da justiça sobre o movimento da criminalidade, pode ver-se em resumo em que alturas vai a moralidade da infância e adolescência. Eiz os números relativos ao anno passado:

De 1 000 crimes contra as pessoas, 4 sam obra de individuos de menos de dezesseis annos, 164 sam obra de individuos de dezesseis a vinte annos.

De 1 000 crimes commettidos contra a propriedade, 8 sam obra de individuos de menos de dezesseis annos, 178 sam obra de individuos de dezesseis a vinte annos.

Quer isto dizer que perto da quarta parte dos crimes commettidos em França no anno passado foram praticados por menores. 23 % dos julgados em 1909 por motivo de roubo ainda não tinham attingido a maior idade; 15 % dos incendiários também eram menores; e 17 % dos accusados de crimes violentos também tinham menos de vinte e um annos.

Estes números, já de si aterradadores, attingem toda a sua esmagadora eloquência, se se comparar o número dos accusados das diferentes edades com a população correspondente a cada idade. E verifica-se que o número dos criminosos ou delinquentes é proporcionalmente muito mais elevado nos menores do que nos maiores, isto é, naquelles que se crearam desde a vigência da escola sem Deus, do que naquelles que foram educados antes desse flagello se generalizar em França.

Calcule-se o que virá a ser aquella pobre nação, quando toda a sociedade tiver sido substituída pelos que vam saindo das escolas neutras.

E lembrar-se um português de que para a nossa infeliz pátria se vai preparando a mesma desgraça, se os bons cathólicos e bons patriotas não lidarem seriamente por todos os meios legitimos e principalmente pelas eleições politicas por afastar a nefasta lei da laicização das escolas com que a república se apressou a brindar-nos!...

## O JORNALISMO CATHÓLICO

IV

MÁRIO.—A questão que decidistes tratar hoje commosco é na verdade, caro tio, duma importância capital. Trata-se de saber como ha um escriptor cathólico de proceder a respeito de auctores, hostis sem dúvida ao catholicismo, mas dotados de verdadeiros méritos e que conquistaram a celebridade pelos seus talentos. Como ha de julgar as suas obras? Que deverá dizer dessas instituições e desses factos em que elles têm tido parte com entusiasmicos applausos da multidão? Confesso simplesmente que muitas vezes me tenho visto obrigado a deplorar a intransigência sem limites e a aberta intolerância de homens incapazes de distinguir e cujo costume é condemnar em globo. Estes homens não sabem esclarecer; sabem só irritar. Que pensais a este respeito, querido tio?

D. EUSÉBIO.—Que haja, até entre os bons, pessoas inclinadas a exagerar em logar de se manterem nos justos limites da equidade e da prudência quando julgam os homens e os factos, não serei eu quem o negue: *Errare humanum est*. Os bons sam homens como os outros, e podem, como elles, enganar-se: *Nihil humanum a me alienum puto*. Mas que o ser severo com os maus auctores, com as suas obras e acções seja a tendência do nosso tempo; que, em geral, se peque por excesso de rigor ao julgá-los e censurá-los, eiz o que eu nego absolutamente. Basta lançar uma vista de olhos para os periódicos que se encontram nas mãos dos próprios cathólicos. Se, entre dez, ha um mais vigoroso um pouco, ha nove demasiadamente benévols, demasiadamente indulgentes e demasiadamente pródigos em louvores até para com os impios. O caracter da nossa época não é a aspereza da lucha em favor do bem e contra o mal; é antes a molleza e a extrema condescendência.

ALEXANDRE.—Mas daí que se ha de concluir, querido tio?

D. EUSÉBIO.—Antes de mais nada, isto: que menos devemos temer a exageração na censura dos maus auctores, do que o excesso de indulgência no seu elogio; não porque a exageração na censura não seja também um defeito que se deve evitar (pois todos os excessos sam reprehensíveis), mas porque este defeito é hoje muito raro e inteiramente contrário á moda. Quando chega a vigorar no mundo uma moda culpavel e perigosa, aconselha-nos o bom juízo que antes a evitemos do que façamos grande despesa de palavras de desprezo para opprimir o pequeno número dos que caem no defeito contrário. Daqui a semrazão daquelles que, em nossos dias em que tanta voga tem o baixo e pernicioso costume de louvar até os maus auctores, adoptam este sestro, em vez de o censurar, e põem todo o seu ardor em condemnar o excesso de zelo e as poucas exagerações do pequeno número de bons que lidam por combater a triste moda e não hesitam em chamar ao dever os escriptores perversos, a despeito dos triumphos que lhes decreta o vulgo ou pelo menos as seitas.

MÁRIO.—Está muito bem. Mas afinal qual é essa grave desordem de que tantos cathólicos vos parecem culpados no seu procedimento para com os maus auctores? Ha então de se censurar nestes escriptores até o que elles têm de bom e louvavel? Seria isso justiça? Seria amor da verdade? Acaso a nossa religião, para se defender, precisa de que se recorra ao expediente de negar o mérito onde o ha?

D. EUSÉBIO.—Eu nunca disse semelhante coisa, querido Mário. O que se deve fazer neste ponto não pode expôr-se num instante nem com uma palavra só: é necessário que nos expliquemos bem. Escuta-me pois. Uma coisa é censurar, e outra não louvar, dissimulando e calando. Nunca se devem negar os verdadeiros méritos dum escriptor, quer elle seja cathólico, quer não seja: mas o silêncio nem sempre é uma injustiça. A injustiça suppôe um direito na pessoa lesada: ora quem ouzará dizer que os escriptores impios e obscenos tenham direito a que os cathólicos, fallando delles, ponham em foco os méritos litterários, scientificos ou artísticos de que elles se valem? Nós vemos que esses escriptores mal fazem menção dos méritos verdadeiramente insignes adquiridos pelos cathólicos no dominio das artes e das sciências, ou até os vilipendiam, ou pelo menos se esforçam pelos manter na escuridão pela conspiração do silencio (1). Depois disto, querereis que os cathólicos fossem obrigados a fazer o elogio dos escriptores impios, celebrando, por exemplo, as bellezas litterárias de suas obras? Assentemos pois duma vez, em principio, a obrigação de não negar os méritos que algum justamente possui: mas lembrem-nos de que da negação ao silencio vai um abysmo. A primeira seria uma injustiça; o segundo só o será no caso em que haja direito ao nosso elogio.

ALEXANDRE.—Ora ai está precisamente a injustiça: é esse silencio a respeito do mérito dos auctores; e depois, quando se offerece occasião em que nos não podemos subtrahir á obrigação de emitir um juizo, limitarmos-nos a censuras e a uma condemnação sem restricção.

D. EUSÉBIO.—Distingamos. Se a condemnação recai sobre o conjunto duma obra e sobre cada uma de suas partes em especial, e a obra contém partes recommendaveis, tal condemnação certamente não é licita. Porém, se ella recai, não sobre as partes em especial, mas sobre o conjunto duma obra má, e é pronuncia da *attentis omnibus*, isto é, tomando-se em conta todos os elementos de apreciação, não só é licita, senão que é obrigatória todas as vezes que o juizo deve ser um juizo do conjunto.

ALEXANDRE.—Comprehendo. Pelo modo expresso em vossa última phrase é que se deve proceder quando se houver de emitir um juizo geral e summário.

(1) *Encycl. Pascendi*. «Quando a sciência e o vigor dos que os refutam lhes dá logar a temor, então previnem o effecto pela conspiração do silencio. E este modo de resistir aos cathólicos é tanto mais odioso, quanto, ao mesmo tempo, os seus elogios exaltam sem fim nem medida aquelles que estão a seu lado.»



Mas muitas vezes o escriptor deve fazer como o professor: analysar uma obra e dar della uma ideia exacta. E então qual o meio de calar os seus méritos e os não louvar?

D. EUSÉBIO.—Olha: quando um escriptor tem de fazer taes análises, convenio em que não pode deixar de notar o que ha de bom na obra do auctor mau. Mas—por quem és—dize-me: quantas vezes se não podia elle contentar com um juízo summário? Não é verdade que seria muitas vezes possível, sem perigo do menor prejuizo, limitar-se a uma indicação feita de passagem? Se as circumstancias exigem que elle se detenha um pouco mais, por que não ha elle de insistir de modo especial no lado mau da obra? Por que não ha salientar que as partes são pouco valem comparadas com os vícios fundamentaes? Por que se ha de deter tanto no elogio do que nella ha de bom e deixar ao leitor um sentimento de admiração em vez dum sentimento de reprovação de tudo o que nella ha de detestavel? Por que ha de gabar os escriptores desta espécie como homens, ou, segundo hoje dizem, como mais que homens?

MARIO.—Mas não vos parece que, louvando-os, nos mostraríamos imparciaes, e, conciliando a sua afeição, os conquistaríamos para a causa do bem?

D. EUSÉBIO.—Louvo muito essa intenção que tens de ganhar esses infelizes para Deus: e quiseira o ceu que o conseguíssemos! Mas, antes de mais nada, deves advertir que, se com os nossos elogios aos escriptores perversos prejudicamos verdadeiramente os bons, escandalizando-os e precipitando-os na ruína, não podemos em consciência prodigalizar taes elogios. Não é licito perder os bons para ganhar a sympathia dos maus. Por outro lado, não é verdade que, louvando os maus auctores, façamos coisa alguma com elles, ganhando-os para a nossa causa. Elles, em lugar de se deixarem conquistar, ensoberbecem-se cada vez mais, julgam-nos fracos, mais fracos do que elles, e, longe de verem no nosso procedimento uma prova de nobreza moral e de imparcialidade, dizem que é a evidência quem nos obriga, contra nossa vontade, a confessar o seu valor. Sam até capazes de accrescentar que ainda mereciam mais, e de se valerem dos nossos elogios contra nós mesmos.

(Continua).

do de uma missa e communhão dos socios e pratica adequada ao acto. A esta festa espera o centro que se associaram todos os catholicos de Coimbra a que presidirá talvez sua excellencia reverendissima o sr. bispo-conde.

A tarde realizar-se-ha na sede do C. A. D. C. uma pequena reunião commemorativa para que foi resolvido convidar o sr. dr. Cunha Barbosa, antigo presidente do C. A. D. C., que acaba de ser perseguido pelo governo da Republica.

2.<sup>a</sup> Foi lido um manifesto dirigido aos catholicos e aos sinceros em que o C. A. D. C. apresenta a sua attitude, em frente do novo regime, e expande o seu programma democratico, terminando com um protesto contra as medidas governativas que atacam a liberdade de associação e ensino.

Foi approved e resolvido que se enviasse a todos os jornaes, dando-lhe toda a publicidade dentro e fóra de Coimbra.

Este protesto vai adeante e o C. A. D. C. pede a todos os jornaes catholicos que o publiquem e o distribuam em manifesto se tal meio for necessario para o levar ao conhecimento de todos.

3.<sup>a</sup> Por ultimo resolveu-se fundar um grupo de oradores que convenientemente preparados possam estar promptos a fazer a propaganda das ideias democraticas christãs, onde quer que forem chamados. Inscreveram-se logo varios socios.

Como escola de preparação e estudo methodico propôs o socio Joaquim Diniz da Fonseca a fundação immediata dum circulo de estudos. Sendo approved a ideia nomeou-se uma commissão que ainda nesta semana constituirá o Circulo iniciando desde logo os seus trabalhos.

Trataram-se ainda pela rama outros assumptos entre os quaes destacamos a resolução de apresentar a Sua Excellencia Reverendissima o Sr. Bispo-Conde as mais calorosas felicitações pelo seu anniversario que passava nesse dia mostrando o C. A. D. C. deste modo a sua gratidão pelo muito que lhe deve; e bem assim os votos de sentimento pela morte do sr. dr. Velloso e conego Cunha Guimarães, dois paladinos illustres da causa catholica, e por ultimo a resolução de mandar uma carta de congratulação e fraternidade ao grande poeta convertido, Gomes Leal.

## O manifesto

É o seguinte o manifesto a que acima nos referimos:

### A NOSSA ATTITUDE

A historia do C. A. D. C. resume-se em poucas palavras: nascemos entre as ondas revoltas dum perseguição iniqua e crescemos alimentados pela confiança num ideal de fé, de patriotismo e generosa dedicação.

Ideal, superior ás formas de governo e que por isso se não alevanta ou escurece com ellas.

Emquanto viveu a Monarchia o C. A. D. C. não foi, nem podia ser collectivamente monarchico; hoje que vive a Republica o C. A. D. C. não é, nem pôde ser, collectivamente republicano.

O ideal democratico que perfilhamos, não se enfeuda a regime ou partido algum; encontra o mais seguro abrigo e o maior estimulo nas ideias do christianismo e este conduz ao progresso, em todas as situações sociaes, desde o quietismo das monarchias absolutas, até á vitalidade exuberante das republicas livres.

Perseguido por Nero, defendido por Carlos Magno, desnaturado pelos reis absolutos, para lhes servir de escora, ou desterrado para as plagas adustas dos novos mundos, elle floresce sempre,

porque a sua vida dimana do mesmo ideal que professa e não da força que o apoia, porque contém em si o amor que vivifica e faz proselitos; a verdade que desedenta e satisfaz os espiritos cansados pela avidez dum philosophismo esteril e frio.

### VERDADEIRA DEMOCRACIA

Cada epoca tem as suas aspirações e jámais o christianismo deixou de secundar e favorecer as que sam legítimas e boas, tal como o sol que aquenta e doira sempre cada nova primavera.

O nosso tempo é de aspirações democraticas; nunca como hoje se tornou verdadeiro o dito de Garrett—*tudo o que se fizer será com o povo e pelo povo, ou não se fará.*

Eiz-nos promptos a auxiliar essas aspirações; a defende-las com o nosso entusiasmo, a realizá-las com o nosso esforço; mas tambem a não consentir que a sombra dos interesses do povo se satisfaçam egoismos particulares, que em vez de realizar essas aspirações apenas se illudam.

Queremos e trabalhamos pela democracia fructificante que dará, em todas as situações, apoio ao fraco, independencia ao opprimido, liberdade e garantia para todos. Reconhecemos e bendizemos, como homens do nosso tempo, a ascensão das classes populares pela importância concedida ao trabalho, gerador das bases economicas da vida moderna, mas não entendemos por democracia o nivelamento absoluto da sociedade humana, pregado pela ideologia revolucionaria, nem julgamos possível nem justo arrasar a hierarchia das classes, que repousa em fundamentos naturaes.

Reformadores, sustentamos que socialmente não é necessario nem util derruir para edificar melhor; mas apenas substituir o que envelheceu, engrandecer o que existe de bom e crear o que fizer falta.

### O NOSSO PROGRAMMA

Os exageros iconoclastas do liberalismo partiram toda a antiga organização social corporativa e quando os homens se julgavam livres e independentes encontraram-se apenas isolados, á mercê da concorrência, numa lucta pela vida sem lealdade e sem peias; sujeitos pela acção absorvente do estado; esmagados pelo capital nos meios operarios; algemados e empobrecidos nos meios agricolas, pelo açambarcamento da propriedade, em consequencia da sua pulverização.

E não tardou que á sujeição economica se viesse juntar o desprezo—sujeição moral—votado ás classes trabalhadoras.

Chegam até nós os gritos deste mar de naufragios que afoga e subverte vidas e energias.

Para melhorar esta situação deprimente todas as nossas reivindicações publicas e iniciativas particulares visam á reorganização corporativa da sociedade, não resuscitando as antigas agremiações medievas, como maliciosamente insinuam, mas adaptando-as e creando outras de novo, em harmonia com as modernas condições sociaes.

É preciso que levemos ao povo sustento, independencia e ensino.

A formula do governo do povo pelo povo, que traduz a independencia do cidadão, só encontrará a sua effectivação real numa organização descentralizadora pelo conhecimento dos interesses locais e proprios.

Desenvolvendo a associação, largamente garantida pelo estado, conseguirá o operario a independencia necessaria para intervir na regulamentação das condições da sua actividade e alcançar uma legislação de protecção e garantia.

Pelo regime corporativo,

adaptado ás necessidades de cada região e concretizado em institutos de previdencia e soccorro mutuo, teremos conseguido a melhoria economica das populações ruaes. Mas não podemos esquecer que na base deste plano grandioso é necessaria uma larga obra de educação popular, ministrando á ascensão economica o desenvolvimento moral correspondente.

Educação dirigida numa orientação particularista persistente, que torne odiosa a imprevidencia, desenvolva o espirito de iniciativa e confiança mutua que tornam viavel um regime associativo.

Ora para que esta obra educativa se possa fazer e fructifique, precisa ser embebida de espirito christão. Este trabalho reclama apóstolos dedicados e o christianismo é a fonte mais pura das dedicações generosas.

O egoismo acaba sempre por triumphar dessa solidariedade illusoria, fundada na carne e no sangue; só da semente do Evangelho brota a verdadeira fraternidade.

Nunca uma obra educativa se poderá conseguir sem o auxilio dum força moral e nenhuma até hoje igualou sequer a do christianismo.

Nos ensinamentos christãos encontramos uma parte do remedio para o mal social, pregando ao rico e ao forte que a superioridade moral é a de maior valia e que se o poderio natural é legitimo deve collocar-se em face do pequeno como providencia e não como carrasco.

Liberdade e independencia que não sam fecundadas por Deus, móram perto da anarchia. Da doutrina social christã flue a justiça e a moralidade que é tambem um factor de economia; e sai a fé e o entusiasmo com que proseguimos neste ideal, por cuja virtude esperamos triumphar.

Eiz o nosso programma: para elle pedimos aos catholicos todo o apoio e entusiasmo na sua realização; e aos sinceros, cujas crenças hostilizem as nossas, pedimos apenas que encontrem na sinceridade com que defendem as suas convicções um pouco de consideração e respeito para as nossas.

Mas não terminaremos sem levantar o nosso mais vehemente protesto contra as medidas governativas, que acabam de offender as ideias democraticas, negando a liberdade de associação e ensino a uma parte dos cidadãos portuguezes.

Não consentiremos jámais que em nome da democracia se colloque a força coercitiva do estado nascida para garantir os direitos de todos ao serviço de uma ideia sectaria, tam fraca de merecimentos para triumphar, que receia a livre concorrência com os meritos dos outros.

Em nome da memoria de nossos avós, que á custa do seu proprio sangue nos fizeram livres, nós protestamos—e que este protesto echoe pelo país inteiro, onde quer que haja um homem que respeite e ame a liberdade!

(Da Palavra)

### A DIRECÇÃO.

## Num anniversario

(Versos dos quatorze annos)

Mais uma conta do rosario d'annos  
Nos dedos te passou estremeada.  
Mais uma onda de aromas indianos  
Subiu ao céu, do thuribulo da vida.

Mais uma gotta de ar, d'este ar da alma,  
Que está preso na vida tormentosa,  
Se libertou do fundo d'agua, e, calma,  
Voou aos céus d'azul e cor de rosa.

Mais uma ave se juntou ao bando  
D'aves que trinam, em vóos, pelos céus,  
E sobre as niveas plumas vam levando  
Tua alma, bella, pura, aos pés de Deus.

Raphael Maria Fructuoso Carneiro.

## O C. A. D. C. DE COIMBRA

Primeira reunião—Importantes resoluções—A festa do dia oito—Um manifesto ao país—A fundação dum circulo de estudos—Outros assumptos.

Reuniu no sabbado pela primeira vez o C. A. D. C. de Coimbra, sympathica agremiação de entusiastas academicos.

O muito illustre presidente sr. Carlos Mendes, depois de apresentar aos seus consocios as boas vindas e cumprimentos friso a necessidade de trabalhar, desenvolvendo a maxima actividade em harmonia com as necessidades imperiosas da hora presente. Foram as seguintes as resoluções tomadas no decorrer da reunião.

1.<sup>a</sup> Promover para o dia oito de dezembro uma manifestação religiosa do C. A. D. C., constan-



Quaes podiam ser as affeições de antigo monge habitador de um desses mosteiros solitários espalhados pelas provincias, e afastados do tumulto das grandes cidades? As suas affeições existiam todas dentro dos muros do claustro: era a cella caiada e limpa; era a enxerga do seu catre; era a banca de pinho em que meditava e lia; era a poltrona tauxiada em que se assentava; era a estamemha do seu hábito; eram as suas sandalias de peregrino; era a árvore da cêrca, fronteira da janella, onde o rouxinol cantava na madrugada; era o crucifixo do seu oratório; era a lagea da crasta, debaixo da qual dormiam os seus irmãos mais velhos, aquelles que antes delle haviam seguido o caminho do Calvário, e donde pareciam chamá-lo para o seio de Deus, quando os seus passos vagarosos soavam por cima da pedra. Nisso, e em mil cousas como estas estavam postos o seu amor, os seus affectos, as suas saudades, os seus desejos. Era o seu mundo esse; e a vida, serena, calada, melancolica, balouçava-se-lhe suavemente nessas affeições do retiro. Porque lhe despedaçastes tudo isto? Quanto vos renderam a enxerga, as sandalias, a lagea do sepulchro e o crucifixo? Pobre velho! Pobre velho!

«Mas nós, acudireis, não podiamos calcular essas cousas, nem cremos em affectos Moraes. Temos cabeça, mas falta-nos coração, como convém a homens politicos. Os frades eram um elemento da sociedade antiga que cumpria annullar. Fizemo-lo. E então?»

Então roubastes Satanaz. Pois Satanaz era um demente, que vos desse palácios, carruagens, banquetes, prostituções, embriaguez, poderio, a troco de uma alma inteiramente morta para os affectos; que não comprehendesse nem a dôr moral, nem as harmonias suaves que ha entre o universo e o homem? Uma alma sempre em noite, e na qual nunca penetrasse a saudade mysteriosa do céu? De que lhe serviria para convosco a sua terribilissima herança de uma eternidade de tormentos?

Ah... deixae-me dizer tudo isto; porque a imagem do velho benedictino está gravada na minha alma como um remorso; e sinto lá fora a chuva que lhe açouta as faces ardentes de febre, o tufão que revolve as câs venerandas, a torrente que lhe alaga os pés descalços. As lágrimas do sacerdote, só, mendigo, nú, esfaimado, sam uma tremenda maldição contra nós, maldição que ha de cumprir-se.

A arte moderna parece ter achado os mais poderosos meios de excitar a compaixão e o terror: tudo quanto a arte antiga tinha de pathetico e terrível sentimento-lo hoje frouxo e pallido. Se hoje, porém, houvesse engenho capaz de traduzir em palavras humanas o drama horribilissimo das ultimas agonias da vida monastica em Portugal, aquelle que lêsse uma só vez esse livro monstruoso e incrivel poderia depois, ao deitar-se, conciliar o somno com o *Le-proso de Aosta*, com o *Fausto*, com o *Manfredo*, ou com os *Ultimos dias de um sentenceado*.

(Conclue)

A. Herculanô.

## ACABA DE SAHIR O EMBAIXADOR DE CHRISTO

Excellent obra do Cardial Gibbons, arcebispo de Baltimore, sobre a missão do Padre, traduzida pelo Padre Thomás Fernandes Pinto, professor no Seminario dos Carvalhos.

Preço 700 reis.

Livraria Moderna, editora, de João Gonçalves, Loyos 50, Porto, e nas principaes livrarias do país.

## Qual é a minha Vocação

O que devo aconselhar acerca da escolha de estado?

### CONVERSAS

de Theophilo com um missionario

#### IV

DA ESCOLHA DUM ESTADO

#### I Conversa

DOS MEIOS QUE SE DEVEM TOMAR PARA CONHECER A VOCACÃO.

*Theophilo.*—Eu desejo primeiro conhecer, meu Padre, se Deus chama cada homem a um estado determinado, ou se deixa o homem livre em escolher, como lhe apraz, o estado da vida que lhe convem.

O *missionario.*—E' um dos mais notaveis commentadores dos santos Livros quem te vai responder: «Deus, diz elle, inspira algumas vezes a tal alma em particular o desejo do celibato, a tal outro o desejo doutro estado; mas não faz sempre assim. Muitas vezes deixa a liberdade dum grande numero a escolha do matrimonio ou doutra carreira. Deus, sem duvida, dirige tudo pela sua Providencia; mas esta direcção deixa o homem livre.»

*Theophilo.*—S. Paulo não diz que cada um recebe de Deus o dom que lhe é proprio, o estado que abraçou?

O *missionario.*—Precisamente explicando essas palavras é que o sabio Cornélio A. Lapide responde a tua pergunta. Foi Deus quem estabeleceu o matrimonio, o celibato e o estado religioso. E' elle quem dá a cada um daquelles que estão nestes estados a graça pela qual elles podem santificar-se; mas se tal homem está no matrimonio, por exemplo, isso vem muitas vezes da escolha que elle fez; e não tendo Deus querido prescrever a cada homem a escolha dum estado particular, e deixando-o livre a este respeito como a respeito de muitas outras determinações que se podem tomar, é proprio da sabedoria da sua Providencia, desde que o homem fez a sua escolha, não o abandonar e dar-lhe as graças necessarias para se salvar no estado escolhido por elle.

*Theophilo.*—Que consoladora e liberal doutrina!

O *missionario.*—Ella é sobretudo pratica. A experiencia prova que muitos jovens não têm nenhum signal particular de vocação divina a tal estado ou a tal outro. Elles encontrar-se-hiam portanto num embaraço inextricavel, se não fossem livres na sua escolha, e se, escolhendo um estado livremente e com intenção recta, viessem a privar-se das graças que Deus lhes reservava e a comprometter a sua salvação. Os seus directores não se veriam menos embaraçados que elles; porque, quando Deus não manifesta claramente os seus designios, não é facil conhecê-los.

*Theophilo.*—Assim pois, não se estando num dos casos que tornam um estado obrigatorio, pode-se escolher o estado de vida que se quiser e Deus dará a graça de operar nelle a santificação?

O *missionario.*—Sim, *Theophilo*; mas convem muito evitar concluir disso que cada um deva entrar nelle lejeiramente. Primeiro, nada é mais importante que conhecer se Deus não tem sobre nós algum designio particular. De resto, ainda quando não nos chamasse a um estado determinado, não é claro que o homem deve em tudo proceder segundo a razão e a fé? Não escutar nem uma nem outra, quando se trata de tomar uma determinação donde depende a felicidade da vida e na qual é interessada a salvação, não seria a cegueira mais fatal?

*Theophilo.*—Deus me preserve, meu Padre, da desgraça de decidir imprudentemente do estado que devo abraçar! Havei portan-

to por bem dizer-me os meios que devo tomar e as regras que devo seguir para não me desencaminhar nesta escolha.

O *missionario.*—Primeiro, antes de tomar uma resolução definitiva, convem recorrer à oração, a uma oração ardente. Todos os auctores que tem tratado este assumpto o recommendam. E para que as nossas supplicas cheguem mais direitas ao coração de Deus, tenhamos cuidado de as fazer passar pelas mãos da nossa divina Mãe, Maria.

*Theophilo.*—Posso eu contar que, pela oração, obterei de Deus não me enganar?

O *missionario.*—Sim, se essa oração reunir todas as condições que a tornam efficaz. Obterás, se não uma revelação e luzes extraordinarias, pelo menos a pureza de intenção e a prudencia christã de que tens necessidade para fazer uma escolha seguindo Deus, sobretudo se tiveres cuidado de te conservares sempre em estado de graça.

*Theophilo.*—Esta condição é pois muito importante?

O *missionario.*—Certamente; o peccado mortal é como uma nuvem que vela aos olhares da alma a luz do ceu e detem o vôo da oração. Pela confissão bem feita é que recobramos a graça de Deus; e, depois de reconciliados com elle, convem confessarmos-nos e commungarmos bastantes vezes para não recairmos em faltas graves. Oh! como é digna de lastima essa juventude que vive ordinariamente em pensamentos perversos até á hora em que deve dispôr do seu futuro! Quanto é de temer que ella se extravie!

*Theophilo.*—A oração perseverante e fervorosa é o unico meio de conhecer a vocação?

O *missionario.*—A oração deve juntar-se a reflexão. *A terra está desolada, porque se não reflecte.*

*Theophilo.*—E em que é preciso reflectir?

O *missionario.*—Primeiro, no fim do homem neste mundo, e depois, nos meios de o attingir. O homem tem por fim conhecer, amar e servir a Deus, afim de por este meio se salvar. Tudo o que está na terra foi creado para o homem, para o ajudar a attingir o seu fim. Por outros termos, o fim é o ceu, os estados de vida sam os caminhos para lá chegar. E' preciso escolher aquelle que leve mais direito ao fim. *Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade, excepto amar a Deus e só a elle servir. De que serve ao homem ganhar o universo se elle chega a perder a alma?* O ceu primeiro; tal ou tal estado depois, com tanto que elle nos ajude mais efficazmente a ir para o ceu.

*Theophilo.*—Quantos não ha, meu Padre, que não raciocinam assim! querem primeiro um emprego sem saber se elle é o que lhes convem, e só depois é que o ceu vem aos seus pensamentos.

O *missionario.*—«Estão em erro, diz Santo Ignacio, transornam a ordem, não tendem direitos para Deus e esforçam-se por arrastá-lo no sentido dos seus desejos perversos. Inteiramente contrario é o que se deve fazer.» E para saber o estado que é mais util ao nosso fim ultimo consultemos a experiencia das nossas quedas, as suas causas, as nossas aptidões, as difficuldades e as vantagens de cada estado, taes como as expozemos precedentemente.

*Theophilo.*—Estas reflexões não sam faceis no tumulto do mundo.

O *missionario.*—E' verdade, *Theophilo*; por isso é prudente, antes de fixar a escolha, ir fazer um retiro num convento ou num logar de peregrinação. Se não é possivel uma pessoa arrancar-se ás suas occupações, ao menos convem entrar mais frequentemente em si mesmo, lêr alguns livros de meditações e estudar os exemplos dos santos, percorrendo a sua vida.

*Theophilo.*—A dar-se credito a gente do mundo, principalmente quando se trata do estado religioso é que convem reflectir e de-liberar muito tempo.

O *missionario.*—Se tu queres proceder prudentemente no sentido do Evangelho, faz sempre o contrario do que dizem os mundanos. «Elles não fallam assim, diz S. Ligorio, quando se trata dum emprego importante, dum mistér elevado, no qual se corre tam grande perigo de perdição. A linguagem dos santos é muito diversa: S. Thomás ensina que a vocação religiosa, ainda que viesse do demonio, devia não obstante ser seguida como um conselho excellentemente dado por um inimigo.»

(Continua)

## Noticiario

**Collegio do Campo da Feira.**—Abre definitivamente no dia 2 do proximo mês de dezembro o externato do Collegio do Campo da Feira, para o sexo feminino, ficando aberta durante esse mês a matricula para o internato e semi-internato.

Informam-nos de que o corpo docente é da maxima illustração e competencia, de maneira a manter o bom nome do referido collegio.

**Mercado semanal.**—No mercado semanal ultimo venderam-se os generos pelos seguintes preços:

Trigo . . . . .	960
Centeio . . . . .	700
Milho alvo . . . . .	840
Milhão branco . . . . .	640
» amarello . . . . .	600
Feijão vermelho . . . . .	1\$200
» branco . . . . .	1\$150
» amarello . . . . .	950
» rajado . . . . .	800
» fradinho . . . . .	1\$150
Vinho tinto . . . . .	900
Aguardente . . . . .	4\$000
Azeite . . . . .	7\$800
Batatas . . . . .	550
Ovos, duzia . . . . .	200
Gallinhas, uma . . . . .	650

### A caridade publica.

—Belmiro Moreira, casado, tuberculoso, não tendo recursos para se sustentar, e a sua familia, implora das almas caridosas uma esmola para minorar o seu soffrimento.

Mora na rua de Villa Pouca, n.º 13.

### Expediente.

—*Prevenimos os nossos estimados assignantes da cidade e concelho, e ainda aquelles do país que se acham em divida, que estamos procedendo á cobrança das suas assignaturas, esperando que todos se dignem satisfazer logo que lhes sejam apresentados os recibos, ou que para isso recebam aviso.*

*Desnecessario será dizer que a falta de pagamento em tempo opportuno nos ocasiona serias difficuldades, que não sam faceis de remediar.*

*Com um pouquinho de boa vontade de todos, tudo se remedeia, não sendo necessario desta forma estar a fazer despesas superfluas, que nada as justifica.*

**No Instituto Escolar,** á rua da Lamellas, 29, haverá, no corrente anno lectivo, *Curso de explicações e aulas particulares de instrução secundaria, sob a direcção de professores de provada competencia.*

## ANNUNCIOS

### No PENSIONATO ACADEMICO

GUIMARÃES

Rua de S. Domingos, 19

O Pensionato recebe alumnos internos, semi-internos e externos para instrução primaria e secundaria, disciplinas singulares e commercial. A alimentação é frugal, abundante e sadia. O resultado dos exames no fim do anno lectivo mostra a muita competencia dos professores e o escrupulo na escolha do corpo docente. Em instrução secundaria 17 approvações. Na primaria 28 approvações com uma distincção. Total: 45 exames.

Dam-se explicações e leccionam-se todas as disciplinas do curso dos lyceus, incluindo o 6.º e 7.º anno.

Enviem-se programmas, a quem os pedir á Direcção.

### Sellos usados

Vendem-se e trocam-se sellos postaes do reinado de D. Manuel II, de todas as taxas, exceptuando de 2 1/2, 5, 10 e 25 réis.

Sellos fiscaes tambem se trocam pelos postaes, devendo todos ser em perfeito estado de conservação.

Fazer remessas em carta fechada á Papellaria e Typographia Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão.

### Elucidario do Commerciantes

Coordenado pelo Dr. EDMUNDO GORJÃO (Advogado)

Util e necessario a todo o commercio em geral—Grande economia de tempo e dinheiro

Pelo simplez exame deste livro, que contém todas as disposições dos Codigos Commercial e do Processo Commercial, com formulas para todos os actos que seja preciso praticar e as principaes disposições referentes ao commercio, se conhece a grande vantagem que todos os senhores commerciantes têm em adquiri-lo.

Basta um simplez requerimento para demandar um devedor, que se copie deste livro, para o senhor commerciante embolsar mais do que os 500 reis do seu custo.

Os pedidos devem ser dirigidos para a Rua de S. Lazaro, 151 e 153, Lisboa.

FERNANDO DE VASCONCELLOS

ACABA DE SER PUBLICADO O

### PROJECTO DE LEI

SOBRE

### Organização administrativa e analphabetismo

Extincção das administrações do concelho—Maneira pratica e facil de obter immediatos recursos, para o augmento de vencimentos aos professores de instrução primaria e para a criação de duas missões annuaes de escolas moveis, em todos os concelhos do paiz. Organização das secretarias dos circuitos escolares.—Augmento de vencimento aos secretarios e amanuenses das Camaras municipais.





OFFICINA DE ENCADERNACÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.  
Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

## PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

No mesmo estabelecimento encontram-se em exposição imagens religiosas, da casa EL ARTE CRISTIANO—Olot, (Gerona), de cartão madeira, (materia privilegiada por um decreto da Sagrada Congregação de Indulgencias e Sagradas Reliquias), assim como estampas para lembrança da primeira communhão e catechese, que se vendem por preços muito economicos.

As edições desta casa encontram-se á venda em S. Paulo (Brazil), no Centro de Propaganda Catholica, de Campos & C.<sup>a</sup>, R. de S.<sup>ta</sup> Thereza, 20.

## BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empreza de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Papelaria annexa á Typ. Minerva Vimaranesse—Rua de Payo Galvão.

**Recordação de meus estudos**  
Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
1.<sup>a</sup> série—Um vol. de 46 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço . . . . . 50 reis  
Pelo correio . . . . . 60 "  
2.<sup>a</sup> série—Um vol. de 50 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço . . . . . 50 reis  
Pelo correio . . . . . 60 "

**Os beneficios da confissão**  
Por F. J. d'Ezerville, accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 60 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 50 reis  
Cartonado . . . . . 100 "  
Franco de porte.

**As Bem-aventuranças evangelicas**  
Postas ao alcance de todos  
Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 64 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 50 reis  
Cartonado . . . . . 100 "  
Franco de porte.

**Vida de S. Luis Gonzaga**  
Modelo e protector da mocidade catholica  
Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:  
Preço . . . . . 30 reis  
Pelo correio . . . . . 35 "

**A Dictadura**  
Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.  
Um volume de 116 páginas, formato elegante:  
Preço . . . . . 250 reis  
Pelo correio . . . . . 270 "

**Bilhetes postaes illustrados**  
Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços a começar em 20 réis.  
Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 réis.  
Collecções dos mais importantes monumentos, paysagens, avenidas, jardins, associações, etc., etc., da Cidade de Guimarães e da Penha, compostas de 30 exemplares, a 500 réis.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 réis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

**Conselhos sobre a educação**  
Segundo o Veneravel Sarnelli. Accomodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 112 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura . . . . . 100 reis  
Cartonado . . . . . 160 "  
Franco de porte.

**Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?**  
Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.<sup>a</sup> edição auctorizada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primás.  
Um folheto de 32 paginas, em 8.<sup>o</sup>  
Avulso **30 rs.** franco de porte.  
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 réis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 réis cada um, franco de porte.

**Officio da Immaculada Conceição**  
Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.  
Um folheto de 32 páginas, em bom papel:  
Preço . . . . . 20 reis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares . . . . . 10 "

## VARIAS OUTRAS OBRAS

A' venda na mesma casa:

**Burgueses e operarios**  
Dialogo entre um socialista e um homem de bem  
(Versão do francés)  
Um volume de 118 páginas em formato elegante:  
Preço . . . . . 80 reis  
Pelo correio . . . . . 90 "

Encarrega-se de mandar vir da LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, Centro de Propaganda religiosa em Portugal e Brazil, qualquer obra annunciada no seu catalogo.

## ÁLEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

**Albums illustrados**  
Com as mesmas 30 vistas dos postaes indamente cartonados, a 500 réis.  
**Bilhetes postaes de propaganda religiosa**  
Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis.  
Em series de 20 ou mais exemplares sortidos, faz-se a remessa franco de porte

## A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura  
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Preço das publicações  
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno . . . . .	1\$300 rs.	Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Semestre . . . . .	650 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Trimestre . . . . .	350 "	Reclamos, até 5 linhas . . . . .	100 "
Numero avulso . . . . .	30 "		

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

## O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introducção do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhás, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 réis; pelo correio, 340 réis.

## A RESTAURAÇÃO

6.<sup>o</sup> anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.<sup>o</sup> 301

Ex.<sup>mo</sup> Snr.